

Encontro de saberes e ancestralidades: entrevista com Mãe Lu e Bárbara Costa¹

Maria Lúcia Felipe da Costa²

Bárbara Costa³

Oswaldo Giovannini Junior⁴

Resumo: Entrevista com Mãe Lu e Bárbara Costa, do Ilê Iemoja Ogunté, herdeiras do Sítio de Pai Adão, sobre a participação delas no Encontro de Saberes e sobre sua ancestralidade.

Palavras-chave: Ilê Iemoja Ogunté; Encontro de Saberes; Ancestralidade

Meeting of knowledge and ancestry: interview with mãe Lu and Bárbara Costa

Abstract: Interview with Mãe Lu and Bárbara Costa, from Ilê Iemoja Ogunté, heiresses of the *Sítio de Pai Adão*, about their experience in the Meeting of Knowledges and their ancestry.

Key words: Ilê Iemoja Ogunté; Meeting of Knowledges; Ancestry

¹ Este texto é resultado de conversas realizadas com Maria Lúcia Felipe da Costa (Mãe Lú) e Bárbara Costa, no Ilê Asé Oyá Gigan, João Pessoa, Paraíba em outubro de 2019 e no Ilê Iyemojá Ogunté, Recife, Pernambuco em março de 2023.

² Iyalorixá no Ilê Iyemojá Ogunté, Recife, Pernambuco.

³ Historiadora e Iyákekerê do Ilê Iyemojá Ogunté.

⁴ Professor de antropologia na Universidade Federal da Paraíba, Campus IV-Rio Tinto



Foto de Josieli Pereira: Mãe Lu, Iyalorixá, com sua filha Bárbara, que é Iyákekerê, sua neta mais velha Thauany, Yabá já iniciada, seu netoThalissom, Asógún já iniciado, sua neta Thalyta, futura iniciada, e sua bisneta Malú.

Gostaria de iniciar com um profundo agradecimento a Mãe Lu e Bárbara pela generosidade desta conversa repleta de saberes ancestrais. Por extensão, agradeço ao projeto ‘Encontro de Saberes’ concebido pelo professor José Jorge de Carvalho⁵ que contribuiu para a realização deste encontro.

Encontrei com Mãe Lu por ocasião da ‘X Jornada de Pesquisa em Artes Cênicas - I Colóquio de Pesquisa em Artes nas Escolas’ na Universidade Federal da Paraíba, evento organizado pelas professoras Valéria Vicente e Carolina Laranjeiras juntamente com professoras e professores do Departamento de Artes Cênicas e do Programa de Mestrado Profissional em Artes – (PROFArtes/UFPB), realizada na Universidade Federal

⁵ CARVALHO E VIANNA, 2020.

da Paraíba em 2019. Alguns anos depois em 2023, retomamos nossas conversas e o resultado está no texto que segue abaixo.

Na UFPB, onde leciono, um grupo de professoras e professores, alunos e alunas e técnicos tem trabalhado no esforço da implantação do projeto ‘Encontro de Saberes’. Aos poucos avançamos institucional e pedagogicamente na sua construção, seguindo com esperança pela transformação epistêmica em nossos meios acadêmicos.

Nesta caminhada, conversas e entrevistas gravadas com mestras, mestres e docentes⁶ apresentam-se como um recurso de pesquisa dialógica com as pessoas que vivenciam e compõem o ‘Encontro de Saberes’ enquanto projeto específico, mas, sobretudo, enquanto encontros de saberes no seu sentido mais amplo⁷.

Mãe Lu e Bárbara ministraram aulas como mestra e co-mestra no ano 2016 durante o ‘Encontro de Saberes’ em Brasília, Distrito Federal. Nossas conversas caminharam pelas histórias de vidas, ancestralidades, tradição religiosa nagô, histórias de família e amizade, pelos saberes, encontros e pelos ‘Encontros de Saberes’ sediados em Universidades.

Durante as conversas iniciais e as que se seguiram na elaboração desta transcrição, foram muitas as viagens no tempo e no espaço. Um voo pelo século XIX quando chegou ao Brasil Tia Inês e fundou o Terreiro, hoje conhecido como ‘Sítio Pai Adão’⁸, até os nascimentos de filhas e filhos de Iemanjá mais recentes. Através do fio da memória também fomos até a África em dois momentos históricos diferentes: o momento em que seu avô fez essa viagem, e o momento em que Mãe Lu foi com seu irmão Paulo. Por fim, Brasília, onde Mãe Lu e Bárbara ministraram aulas e dançaram o Xirê com os alunos da UnB.

Oswaldo Giovannini Junior

Muitos não sabem a importância que é esse ‘Encontro de Saberes’. O ‘Encontro de Saberes’ é onde se unem todas as religiões. O professor José Jorge, ele não só leva descendentes afros. Ele leva indígenas, ele leva quilombolas, ele leva Mestre de

⁶ Na mesma época entrevistamos José Jorge de Carvalho: LARANJEIRA, GIOVANNINI JUNIOR e VICENTE, 2021

⁷ GOLDMAN, NETO e ROSE, 2020.

⁸ Ilê Obá Ogunté, fundado em 1875 em Recife.

maracatus e cavalo marinho. Todos que forem Mestres, e que tem experiência ou já foram criados dentro daquilo, ele faz com que vá pra lá e dê aula, dê oficina.

Entendeu?!

E é muito importante. Porque os estudantes lá não têm conhecimento também de certas coisas.

Quando eu fui pra lá (UnB), há três anos atrás (2016) com a minha filha (Bárbara Costa), eles não conheciam realmente o que era o Candomblé, o que era a Nação Nagô. Eles conheciam o Ketu, algumas coisas do Jeje, Angola, mas, o Nagô, que é a nossa raiz, eles não conheciam, e eu fiz eles conhecerem.

Maria Lúcia Felipe da Costa

Oswaldo – Inicialmente gostaria que a senhora contasse um pouco de sua história de vida e de sua ancestralidade.

Mãe Lu – Eu sou Maria Lúcia Felipe da Costa Nascimento. Filha de Malaquias Felipe da Costa e Leônidas Josefa da Costa. Sou neta biológica de Felipe Sabino da Costa, conhecido como Pai Adão, primeiro terreiro de Nagô em Pernambuco. Não foi fundado por ele. Foi fundado por uma tia nossa, Tia Inês⁹, que veio da África com o meu bisa, Sabino Felipe da Costa, que era invertido o nome, meu avô, meu bisa inverteu o nome dele.

Meu avô era casado com Maria da Hora da Costa, mas a minha mãe já não era do Nagô. Era filha de Juremeira. A minha família é muito miscigenada.

A minha mãe Leônidas é filha de Maria Soledade de Oliveira e do meu avô, Manuel Assunção de Oliveira. Era filha de portugueses.

Veja a minha família como é!

O pai da minha avó, da mãe de meu pai, já era português, Paulo de Ananias.

Aí, houve essa miscigenação. Só que o sítio de Pai Adão não houve miscigenação em Jurema. Lá, até hoje, só cultua o Orixá Nagô. Os Orixás da nossa religião Nagô.

Por quê?

Quando eles vieram da África, eles vieram só os Afros.

A minha tia Inês, não sei como, conseguiu trazer ouro, pulseiras, dinheiro.

⁹ Inês Joaquina da Costa, Ifá Tinuke, era africana e trouxe da África várias divindades em forma de símbolos, imagens, objetos e sementes (CARVALHO, 1993).

Escondia dentro dos torsos, dentro das vestes. Não sei como não conseguiram pegar esse dinheiro dela. Quando ela chegou aqui, o meu bisa foi ser escravo.

Mas ela comprou a alforria dela. Foi bem saliente, né?!

Então, ela fundou o primeiro terreiro de Nagô em Pernambuco. Tia Inês! O que acontece? Ela comprou muitas terras, pela minha redondeza, onde eu moro, mas o sítio preservou-se só pros Orixás.

Então, na Nação Nagô, mulher não sacrifica animais, né?!

Mulher põe oferenda! Pode até oferecer uma comida, umas flores, uma fruta, uma comida sem ser com sangue pra um Orixá, mas, cortar, curiar, como diz. Mulher não faz.

Então, ela tornou-se madrinha de batismo do meu avô.

Foi lá na senzala de Taquari, onde meu bisavô era escravo, mas já estava pela Lei do Sexagenário. Já não era, mas ele não tinha pra onde ir.

Aí, quando foi aos 80 anos ele ainda concebeu meu avô, que ele era casado com a minha bisa, né?! Mas ela era jovem. E ele era como um tipo de “reprodutor”.

De “reprodutor” tinha aquelas escravinhas novinhas e vô, o meu bisa, reprodutor.

Aos 80 anos, ele concebeu, junto com a minha bisa, meu avô.

Então, ele gritou assim pra senzala, pra todos:

Omoxebolamitan:

“Pensei que não fosse mais homem!”.

Ele botou, o nome em meu vô de Adamassí, em africano¹⁰.

Daí muita gente ficou dizendo:

“Adão”, “Adão”, “Adão”

Por não saber pronunciar o Adamassí. Aí, ficou popularmente conhecido: Adão.

E até hoje, mundialmente, meu avô é conhecido como Pai Adão, né?!

E daí, veio vindo a nossa herança familiar.

Meu pai, meus tios, tio Zé Romão, meu tio Guilherme, Sigismundo, e minha tia Mãezinha, Maria do Bonfim, todo mundo, sempre foi só afro. Mas, após, cada um... casaram-se...

Meu pai casou com uma filha de Juremeira, que é a minha mãe.

Meu tio também, juntou-se com outras pessoas também, que tinha outras descendências.

¹⁰ O nome Adamassí tem origem muçulmana, pois nessa época, seu pai, havia se convertido para esta religião.

Outros terreiros lá em Pernambuco, tem o Terreiro e tem a Jurema, que a Jurema é brasileira, né?! A Jurema não tem nada com afro. Nem Umbanda.

A Umbanda também é brasileira.

Aí, o pessoal confunde:

“Jurema é Umbanda?”

Não. Jurema não é Umbanda! Jurema é Jurema, Umbanda é Umbanda, né?!

Aí, houve essa mistura todinha.

Eu, sou filha de Iemanjá. O meu avô, era filho de Iemanjá. Era uma sequência.

A minha tia Inês, era filha de Iemanjá, a que trouxe o Candomblé pra Pernambuco.

O primeiro Candomblé de Pernambuco. Filha de Iemanjá. O meu avô Adão, que era o Asógún dela, filho de Iemanjá. O meu pai, Malaquias: filho de Iemanjá.

A outra pessoa que ficou tomando conta, filha de santo de meu avô: filha de Iemanjá.

Eu sou filha de Iemanjá. E tem muita gente da minha família que é.

Paulo, meu irmão: filho de Iemanjá.

Então, é uma sequência de herança familiar, de Iemanjá Ogunté, entendeu?

E a gente até hoje vamos cultuando ela e não só ela, mas todos os nossos Orixás, que temos vários, né?!

Temos o Orixá Exú, que o pessoal pensa que é um demônio, mas ele não é!

É como qualquer outro Orixá! Orixá Exú, é o Orixá que vai comer primeiro que os outros para ele chegar até Ifá. Ifá é Orixá do destino, da sabedoria. Que Ifá vai até Olorum, que é Deus, para levar os nossos pedidos. Então, ele come primeiro, para ir fazer seguir esse caminho.

Aí, depois vem os outros Orixás, que a gente começa a oferecer.

Aí, tem Orixá Ogum. Tem Orixá Odé. Tem Obaluaiê, que é o dono das doenças malignas.

A veste dele é toda cheia de palha. Tem Nanã. Tem Ewá. Tem Obá. Tem Orixá Ibeji. Tem Oxum, Orixá Oxumaré, Iemanjá, Xangô, Orixalá, Obatalá.

E tem da nossa ancestralidade com Oyá que também faz parte do Quarto dos Orixás e tem a casinha dela, onde só entra homem. É igual ao clube do Bolinha, não entra meninas (risos). Mulher é proibida terminantemente de entrar nesse quartinho, onde há a oferenda às nossas ancestralidades.

Aos nossos Eguns, que nós chamamos, né?!

Aí, faz a oferenda. E a única mulher que entra lá, em espírito, é Oyá.

É Iansã. Nenhum Orixá mulher entra lá, só ela. Ela é a dona dos espíritos, tanto dentro do Quarto do Santo, quanto na Igreja Católica, quanto no Evangelho.

Onde houver espírito, no mundo inteiro, ela é a dona dos espíritos.

Quer queiram ou não admitir, ela é a dona dos espíritos.

Oyá Bamila, Oyá Togum, Oyá Gigan. E Orixalá, que é o pai de nós todos.

É a divindade, né? Oxalufã, Oxoguiã. Tem Obatalá. Orixá Okô. Que tem os mais velhos.

E tem os mais novos, que é Orixá Oxoguiã. Eles todos fazem parte da nossa hierarquia de Nagô.

Oswaldo – E como foi sua iniciação?

Mãe Lu – Ah, eu sempre fui.

Eu nasci numa vila chamada Nossa Senhora da Conceição. Pela coincidência, né?!

E esse meu irmão (Paulo Brás) estava com onze anos quando eu nasci. E ele mais um vizinho nosso, chamado Alvino, foi quando ele veio tomar o primeiro pileque da vida dele. Como diz, foi tomar cachimbo¹¹. Pelo nascimento da irmã.

Eu, né?! E daí, houve já essa aproximação de Iemanjá.

Eu nasci meio doente e fiquei por muitos anos. Aí, teve que fazer logo negócio de Jurema.

Assentaram os meus caboclos porque quando eu nasci, a parteira disse pra minha mãe:

“Essa sua filha, tá trazendo a sua herança espiritual todinha da Jurema”.

Ela disse que eu trouxe a herança espiritual da Jurema da minha mãe.

Eu desde pequena, eu botava o ouvido em chão, eu corria pra comer carne crua. E era virada. Brincava que só uma capote na rua.

Painho tinha até medo quando eu saía:

“Essa menina se fosse homem era pior que os irmãos”.

Ele dizia.

Eu sempre fui meio quente, né?!

E daí, ele foi fazendo o tratamento comigo, tanto da Jurema, como no Santo¹².

Aí, assentou os caboclos, os Mestres, pra depois...

Já a cinquenta e três anos atrás, eu ser iniciada com Iemanjá.

Xangô já apareceu depois, porque ele impôs que queria tá comigo.

Meu irmão Paulo Brás disse:

“Você vai ter que aceitar Xangô, porque ele tá no seu pé”.

¹¹ Bebida feita a base de cachaça e mel.

¹² Candomblé da Nação Nagô.

Aí, também fizemos ele.

Também tenho o meu altarzinho com santos católicos lá na minha sala. Tenho meu altarzinho lá na sala, onde eu faço minhas orações. Faço Santo Antônio e mês de Maria. Meu pai era muito devoto de Maria. Meu avô também era. Tia Inês também era, que lá no sítio ainda tem uma capela. Uma capelinha, que os negros, naquela época, gostavam de fazer para enganar os patrões. Botavam os Igbás aqui, e na frente dos Igbás uma imagem de um santo católico, representando aquele Orixá. Aí, o pessoal diz:

“Ih, Iemanjá é Nossa Senhora da Conceição!”

Não é. Nossa Senhora da Conceição é Maria, mãe de Jesus. Iemanjá é um Orixá africano. É uma divindade africana. Não tem nada a ver:

“Jesus Cristo, é Orixalá!”

Jesus Cristo não é Orixalá. Jesus Cristo é Jesus Cristo. Orixalá é neguinho, pretinho.

Orixá afro, né! Aí, houve essa miscigenação, eles faziam esse sincretismo para que os patrões não os quebrasse.

Oswaldo – Como foi a viagem de vocês para a Nigéria, na África?

Mãe Lu - Na África, fomos batizados pelo rei de Ilê Ifé. Então, meu irmão Paulo tomou o título de Babá Ifámuyidè, e eu Yeyê Ifámuyidè, pelo rei.

Essa viagem foi um filho de santo nosso que conseguiu para a Universidade Obafemi. Conseguiu colocar um projeto pra lá, com o nosso Maracatu.

Nós temos, meu sobrinho tem, o ‘Maracatu Raízes de Pai Adão’.

Aí, ele fez um projeto com as negras do ‘Pátio do Terço’, que eram muito amigas do meu avô, Sinhá e Iaiá, que eram descendentes de nigerianos também. Então, formou um projeto falando sobre elas e um sobre o Maracatu de Pai Adão. A Universidade nos convidou e fomos pra lá, pra Nigéria. E foi uma coisa maravilhosa!

Oswaldo – Como foi pisar na África?

Mãe Lu – Pisar na África foi uma sensação maravilhosa!

O meu irmão ficou encantado. Foi uma vivência que ele viveu, Paulo Braz, que ficou... e ele levou pra sempre isso.

Ele cantou para o Rei de Oyó! O Rei de Oyó ninguém chega junto dele pra fazer nem isso aqui: um carinho. Ele é intacto. Nem o Presidente da República de lá chega junto, porque quem manda no pedaço é ele. Mas o meu irmão cantou pra ele, invocou ele, que ele é descendente ainda de Xangô, do Orixá Xangô mesmo, que ele ainda é um dos

descendentes. Aí, meu irmão foi, ele levantou sobre o trono e abraçou meu irmão de rei pra rei. De rei pra rei! Foi uma coisa inédita dentro da África.

O rei falou para todos:

“Se dentro da Nigéria, dez sacerdotes soubessem o nome da mãe dele, de Xangô, era muito!

Mas esse sacerdote, que veio do outro lado do oceano, sabe”.

Meu irmão, invocando a mãe dele e cantando pra ela e pra ele. Ele não aguentou, né?! Levantou-se e abraçou-se com meu irmão, de rei para rei.

E nós fomos também onde nasceu mesmo Ogum, o Orixá Ogum. O que é que o meu pai Malaquias dizia de Orixá Ogum?

Que todo o mundo, todo o universo, precisa do Orixá Ogum. Por quê? Você precisa de uma faca, de aço. Precisa de uma colher. Precisa de uma agulha. Precisa construir um navio. Precisa construir um avião, um carro. Tudo não tem ferro? Então, quem goste, quem não goste, quem conheça, quem não conheça: tem Ogum no meio, nas correntes! Ogum Patakori. Ogunhê!

Tem ele no meio. O José Jorge escreveu no livro dele o que meu pai Malaquias disse:

“Todo mundo precisa de Ogum!”

Então, nós fomos lá em Ilê-Ifé, onde nasceu Ogum.

Quando nós chegamos lá, é bem rústico e, na época da repressão lá, onde iam atrás para acabar com o povo afro, né! Os ingleses, os soldados iam lá, eles iam lá, quebravam tudo de Ogum. Tudo que era dele!

E ele não dizia uma palavra. Calado. Quando era no outro dia as pessoas voltavam pra ver se estava tudo quebradinho, mas estava tudo no mesmo lugar, como se não tivesse feito nada (risos).

E passaram muito tempo fazendo isso! Até que eles próprios desistiram.

Disse:

“Não. Nós vamos ficar do lado desse homem (risos).

É muito poder! Quebra hoje, amanhã tá intacto! No mesmo lugar”.

Aí, o Rei de Ilê-Ifé pediu pra meu irmão cantar para Ogum. Destemido como ele era e como ele falava iorubá corretamente, muito sábio, ele disse:

“Pois não!”

Reuniu o grupo do Maracatu e começou a cantar pra Ogum. E eles ficaram de boca aberta, vendo aquele negão bonito, imponente, a invocar Ogum e a cantar pra Ogum. E eles

próprios a baterem palmas para o meu irmão. E, além dele cantar, ele achou de traduzir pra eles o que ele estava cantando (risos).

O Rei disse a ele:

“Esse iorubá que vocês falam é muito arcaico. Não sabia que do outro lado ainda tinha esse povo. Ainda tinha essa família!”

Tais entendendo?

Oswaldo – Como é que guardou a memória, né?

Mãe Lu – Foi passado, de pai pra filho. Foi de vô pra meu pai. De meu pai pra gente, filhos. E dele, de meus irmãos, pra gente tudo, para os filhos dele, pra família, pros filhos de santo dele.

O meu avô foi à África, né?! Naquelas épocas remotas. Que era aqueles navios bem rústicos.

Ele disse:

“Eu vou conhecer de onde meu pai veio, minha família veio”.

E ele foi com o marido de tia Inês. Pegaram o navio. Foram pra Bahia e de lá pra África. Quando eles tão no meio do caminho, João Otolú, que era o marido da minha tia Inês, a que fundou o Candomblé, ele morre.

E aí? Como que faz? Com o corpo, né?!

Não podia levar porque estava distante da África, e não podia voltar pra Bahia.

Tiveram que jogar o corpo ao mar. E vô seguiu só. Vô era muito destemido também, né?!

Muito corajoso. Seguiu só. Ele foi-se embora sozinho.

Quando ele chegou lá, que ele foi se apresentar e conversar com o povo, ninguém não dizia que ele não era de lá, que ele era nato de lá.

E teve quem dissesse pra ele:

“Você não vai voltar mais para o Brasil”.

Aí, ele disse:

“Vou, que eu deixei os meus filhos lá”.

Ele já tinha deixado tio Mundinho aqui em Recife.

Aí, ele disse:

“Eu vou voltar!”

Mas por pouco ele não volta. Porque pense num povo que sabe jogar mesmo... olhar pra você e dizer:

“Você não vai voltar não, cara!”

Quando ele ia subir no navio, deu um tropeção nele que quase que ele cai ao mar. Foi. O meu avô Adão.

Mas ele conseguiu subir e disse depois que ele entrou:

“Eu não disse que voltava!”

(risos).

E por causa dele estamos aqui. Eu, meus irmãos que já partiram, meus netos, meus filhos, minha família de santo. Estamos aqui, devido a ele, minha avó, meus quatro avós, né? Porque não só foi vó Adão, tem vó Manuel, vó Maroca, vó Mariazinha, meus tios, minhas tias.

Oswaldo – E aí, todo esse conhecimento da família de vocês, os rituais, os cantos, os mistérios, o iorubá... Todo esse conhecimento, como que é passado para o pessoal mais novo? Isso vai escrito no caderno, no livro?

Mãe Lu – É por oralidade mesmo.

Bárbara – E prática.

Mãe Lu – E prática. Já temos meninos, netos pequenos, eles vivenciam aquilo que os mais velhos estão fazendo. Como matar, como vai fazer o Inhale, que é botar comida em cima do Orixá. E eles ficam só olhando. Como invocar um Orixá. Eles ficam só olhando e aquilo ali é um aprendizado.

Bárbara – São chamados, muitas vezes a fazerem.

“Vêm aprender isso”; “Vêm fazer aquilo”.

Mãe Lu - Desde pequenininho! Desde que nasce! Assim que sai da maternidade leva pra cima do Orixá e bota lá. Entendesse? Quando nasce alguém da minha casa a gente vem logo pro pé de Iemanjá e bota lá!

Mesmo que não seja o Orixá daquela pessoa, mas ela é a mãe de todos. Então, é pro pé dela que vai. Aí, se invoca, chama ela, praquele bebê ser saudável, ser uma pessoa decente, crescer com saúde, com paz, honestidade e sabedoria. E ali, vai crescendo. Vai crescendo, e eles vão vendo.

“Venha cá! Senta aqui!”

Aí, fica deitado. Ajuda a tocar aqui! Você fica de boca aberta!”

Ninguém vai, pega na mão, pra ficar ensinando não! Eles vão ouvindo. Porque eles vão, os homens ficam lá, e eles ficam ali ouvindo, calados.

Não se pergunta:

“E como é isso? E como é aquilo? E por que foi isso?”

A prática, o dia a dia, é que faz a gente indo aprendendo.

Assim, quando há algo que eles ainda não assimilaram, ou não sabem, perguntam:

“Ô tio, como é isso mesmo?”

Bárbara –

“Como canta? É qual palavra?”

Mãe Lu –

“Ô tio! Ô mainha! Como é isso mesmo?”

Bárbara – Mas parar pra ensinar não. Pra dar uma aula, não!

Mãe Lu – Pra abrir uma aula. Não. Não temos. A aula é o dia a dia.

Oswaldo – E contam as histórias, os Itans?

Bárbara – As histórias sempre contamos. Mainha conta, tio Paulo contava muito.

Não, porque tem uma lenda que conta isso, aquilo outro. Ele sempre contava os Itans. Então, ele sempre foi participativo.

Oswaldo – E como acontecem estes momentos? Quando se conta?

Bárbara – Geralmente são momentos de descontração. Acabou a obrigação. Acabou a cerimônia. Acabou o toque. E nós conversamos entre nós mesmos.

A gente conta:

*“Não, porque o filho de Xangô é assim.
Porque fulano é assim.”*

Mãe – Aí, faz o arquétipo do filho, né?

Bárbara – Isso. Faz o arquétipo dos Orixás.

Oswaldo – Conversas espontâneas.

Bárbara – São conversas espontâneas, que acontecem dentro do Terreiro.

São os nossos assuntos diários!

Mãe Lu – Depois de um jantar, uma conversa ou até em um aniversário mesmo.

Aí, tá cantando:

“Parabéns pra você”.

Daqui a pouco:

“É bariká!”

É uma toada que tá reverenciando como um “Parabéns”.

Aí, há aquela mistura, entendeu?!

A gente canta em iorubá e canta em brasileiro.

E os meninos ficam perguntando:

“Não vai cantar aquela não, tia?”

Não vai cantar aquela não, tio?”

Entendeu? Porque eles já sabem. E os toques também.

Bárbara – Eles sabem o seguimento...

Mãe Lu – Sabem o seguimento. Cada toque para Orixá tem o seguimento.

“Aí, olha! Venha cá! É assim. Pá, pá, pá!”

Eles vão ouvindo.

Meu pai dizia:

“Aprende-se a tocar com os ouvidos”.

Aprende a tocar escutando ali e cada um que se aperfeiçoe dentro dos batuques.

Oswaldo – Aí eu quero saber mais sobre essa diferença na transmissão de conhecimento.

Na vivência de vocês, na família é pela oralidade, pela prática, né?

Diferente da universidade, da escola, que é pela escrita.

Você fez faculdade né?

Mãe Lu – Fiz Letras. E depois eu me especializei em História das Artes e das Religiões, pela Universidade Federal Rural de Pernambuco.

Oswaldo – Me fale, então, um pouco da sua experiência com esse projeto do ‘Encontro de Saberes’.

Mãe Lu – Eu acho válido.

Assim, Gilberto Freyre. Ele era um dos discípulos do meu avô, que ia pesquisar lá com meu avô. Ulisses Pernambucano também. Esse povo todo grandão aí, que escreveram vários e vários livros, mas iam pesquisar com vó. Mas, só, como eu digo sempre, os Babás, os sacerdotes, as sacerdotisas, nunca dão o pulo do gato. Nem tudo que tá ali escrito foi mesmo dito pelos sacerdotes.

Porque tem um limite de você dizer até onde pode chegar aquilo ali que tá escrito naqueles livros. Eles pesquisaram com outros, com outros e outros, cada um que diga do seu jeito. Mas é porque não tem permissão pra contar tudo. Tem um limite, né! Então, eu digo sempre, é importante, por quê? Há de ter o conhecimento.

Tem a Lei 10.639 que é pra ser trabalhada com as escolas públicas, que ela não é exercida. Principalmente pelos professores evangélicos. Mas eles deveriam ter capacitação pra isso, pra trabalhar.

Bárbara – Mas é por isso que tio Jorge entra com o ‘Encontro de Saberes’.

Ele consegue fazer com que os alunos aprendam, né?! Ele, de certa forma, bota dentro do curso.

Por exemplo, eu faço psicologia, ele vai propor ao professor de psicologia que libera a turma dele pra assistir aquela aula, que vai tanto pela Lei 11.645, como a 10.639, porque tio Jorge também trabalha com a cultura indígena.

E aí, ele vai ampliar as duas leis, a pessoa vai participar do ‘Encontro de Saberes’.

Dentro da Universidade, ele tá botando as duas leis pra trabalhar, e o professor tá ganhando lá, o seu ponto, porque ele deixou a turma dele trabalhar com aquele material.

De certa forma, ganha o professor José Jorge e ganha o professor também daquela determinada disciplina, que liberou os alunos dele para poderem participar do projeto do Encontro de Saberes. Só que não são professores acadêmicos que dão aula no ‘Encontro de Saberes’.

Mainha é uma acadêmica, mas também é uma Mestra popular.

Mas, a maioria são só Mestres populares, não são acadêmicos, não têm formação.

Eu também entro, eu sou, ele chama de: co-mestra.

Eu fui auxiliar dela. Eu também tenho formação acadêmica, mas nem todos têm.

Oswaldo – Quanto tempo passaram na Universidade de Brasília dando aulas?

Bárbara – A gente passou uma semana. Tem aulas que duram mais. Tem aulas que duram menos, são três dias. Depende do módulo e das oficinas.

Oswaldo – Como que foi a de vocês? Que que vocês fizeram?

Mãe Lu – A nossa oficina foi falar sobre a nossa ancestralidade.

De onde nós viemos, né?! De nossa família.

Do meu avô, de tia Inês até chegar a mim, né?!

E depois, nós fomos trabalhar com eles, os Orixás.

O nome de cada Orixá, e a invocação, a louvação a cada Orixá. Os cânticos a cada Orixás.

Bárbara – Um assunto que sai muito também é sobre Exú, porque falam que Exú é como demônio, né. A simbolização da imagem de Exú. Então, era um assunto que toda aula, um aluno perguntava:

“Mas Exú é demônio?”

Então, era um negócio que a gente tinha que repetir bastante. Bater muito nessa tecla, que Exú não era demônio.

Mãe Lu – É um Orixá como outro.

Bárbara – Foi a Igreja Católica que demonizou, né?!

A imagem, né?

Do Orixá, e tal.

A gente tem que bater muito nessa tecla.

Aí, então, enfim, tem muita coisa ainda pra desmistificar. E participaram alunos de várias religiões.

Mãe Lu – Vieram professores de São Paulo também

Bárbara – Professores de outros estados.

Mãe Lu – Do Rio Grande do Sul. Foi tudo pra nos conhecer, ver a nossa aula Nagô.

Bárbara – E até porque não conhecem o culto Nagô.

Mãe Lu – Não conhecem.

Bárbara – Porque se você perguntar pelo Candomblé, você vai dizer logo:

“Ah, o da Bahia! Ah, Mãe Stella! Ah, Mãe Menininha!”

Então, as referências de Candomblé no Brasil, em todo o território nacional, são das mães, das Iyás Ketu. Baianas.

Só que o Candomblé de Pernambuco, de João Pessoa, Alagoas, Maranhão, tem muito de Nagô também. Principalmente em Pernambuco. Tem muito Nagô.

Em João Pessoa já tem muito Ketu também.

E o nosso Terreiro não muda, o Ilé Iyemojá Ògúnté segue o padrão do Sítio de Pai Adão.

Mãe Lu – Na mesma tradição.

Bárbara – Não muda. Então, a gente não tem Vodum. A gente não tem Jurema.

Minha mãe também é Juremeira. Ela é Juremeira porque ela herdou da bisavó dela, materna. A família da minha avó era Juremeira. E meu avô era filho de Pai Adão, de terreiro. Então, até pro meu avô casar com a minha avó, teve todo um processo.

Porque era uma Juremeira de um culto totalmente diferente, e meu bisavô não queria aceitar o filho dele... Nagô, todo tradicional!

Descendente de africano, ia casar com uma Juremeira que cultuava os espíritos de índio?

Que leseira é essa, né?

Mãe Lu – Mas depois ele aceitou.

Bárbara - Depois ele aceitou. É tanto que depois ele mesmo dizia:

“Olhe, quando tiver alguma coisa aqui pra fazer, se não tiver quem resolva, vai fazer com a sogra do meu filho que ela cuida desse lado espiritual aí”.

Ele já indicava a mãe da minha avó, a minha bisa. Mas o Sítio, não cultua Jurema.

Mãe Lu – É. Tia Amália, Tia das Dores era Nagô, mas trabalhava com Jurema.

Mas, assim: quando você trabalha um lado, não trabalha com o outro.

Hoje eu tô com Jurema, então ninguém mexe com Orixá.

Hoje eu tô com Orixá, ninguém mexe com a Jurema.

Agora, lá no Sítio não tem Jurema nenhuma.

Bárbara– Não. Ele continua com a tradição.

Mãe Lu – Continua intacto.

Oswaldo – E o terreiro que sua avó trabalhava ainda existe? Ainda seguiu? Não?

Mãe Lu – Não.

Bárbara – Quem ficou com as coisas dela foi mainha.

Temos em casa, né?

Que foi tudo herdado.

Mãe Lu – Temos em casa. Tenho um quartinho pequenininho, né?!

Era da minha mãe, que ela cuidava, da Juremazinha dela, que ela sempre, desde que eu era pequena, sempre ela teve, ela conservou.

E aí, a gente também fica cuidando, porque um não vive sem o outro, que eu vivo com as duas mãos.

Oswaldo – Mas eu acho muito bonito essa reverência que vocês fazem também, a essa herança que vem da tua mãe.

Mãe Lu – Claro, claro!

Bárbara – E aí, tem que trabalhar, tem que trabalhar muito, né?

Agora, o Orixá é a nossa base, né?!

Porque como todo mundo diz:

Daqui pra baixo você faz o que quiser de seu corpo, mas o Ori o Ori é aquilo que lhe sustenta, né?!”

A base do seu corpo é o Ori. E quem sustenta o Ori? O Orixá. O seu Orixá de cabeça.

É ele quem guia. É ele o seu anjo da guarda. Então, com o Ori fraco, com o Ori descuidado, você não é nada. Você não arruma um bom emprego.

Você não arruma um bom estudo. Você não consegue se concentrar.

Você não consegue fazer nada.

Oswaldo – E é como uma filosofia que vale pra tudo na vida.

Mãe Lu – Pra tudo na vida.

Bárbara – Tudo na vida.

Oswaldo – E toda e qualquer religião.

Mãe Lu – É.

Bárbara – E qualquer espiritualidade!

Mãe Lu – De qualquer espiritualidade.

Bárbara – É o nosso chakra maior, né?

Mãe Lu – É.

Bárbara – Vamos dizer assim, se fosse no hinduísmo, né?!

Porque é o nosso chakra maior. A gente tem a cabeça interna e nós temos também, a nossa cabeça externa, que é aqui na testa, que é o ponto principal, que é o terceiro olho, na religião hindu.

Que é a personalidade da gente. Por isso que a gente tem os dois Orixás.

O Orixá de cabeça! Que é o que guia o Ori.

Eu nasci sendo Oxaguian, mas, a minha personalidade, quem me guia, quem me dá discernimento na minha vida, quem vai trazer prosperidade, abrir os meus caminhos, é o segundo Orixá, que é Oyá.

O segundo Orixá ele manda muito na pessoa e anda sempre associado com o primeiro.

E você vai sempre cultuar, tipo se servir a qualquer outro Orixá, vai ter que cultuar sempre Iemanjá, porque é o Orixá Mãe, né?!

Mãe Lu – E Orixalá!

Bárbara – Desde o ventre. A mãe parideira é Iemanjá.

Mãe Lu – Pariu muito! (risos).

Bárbara – Então, quem toma conta dos filhos, quem toma conta do bebê na barriga, quem faz tudo pra criança não perder, não nascer morta, nascer com saúde. É Iemanjá!

Iemanjá que toma conta da criança. Não importa qual Orixá vai vir quando chegar na Terra, Iemanjá é quem toma conta da criança.

Bárbara – Aí, isso é o mais importante, né?!

Essa fé que a gente tem na questão do Orixá. Tem uma dor de dente, vai pro médico, lógico, mas vai saber se é porque é algo do Orixá. Uma dor de cabeça, mas vai saber se é por causa do Orixá.

Então, essa questão da vivência dentro de Terreiro, quem mora mesmo dentro do Terreiro, não só frequenta pra visitar, ou procurar quando precisa de algo, é totalmente diferente. São vivências totalmente diferentes, de quem vive e de quem só frequenta.

Oswaldo – É cem por cento, tá ali o dia inteiro, né?!

Bárbara – É. O dia inteiro.

A minha filha pequena:

“Mainha, hoje tem Iemanjá em casa?”

Aí eu digo:

“Hoje não tem não”.

Porque pra ela, aquilo já é corriqueiro!

Aí, a professora perguntou a ela na escola, a todos na turma:

“Qual é a sua religião?”

Ela tem seis anos e não soube dizer que era de Candomblé, não soube dizer o nome, a palavra toda.

Aí ela disse:

“A minha religião é aquela que adora Orixalá. E eu sou de Oxalá”.

Aí, a professora disse:

“Você é de Candomblé Nagô”.

E ela completou:

“É isso mesmo!”

Thalyta. Quer dizer, ela já sabe se identificar. O irmão dela já foi feito, né!

Mãe Lu – Seis anos a minha neta.

Oswaldo – Olha só! Seis anos!

Bárbara – Porque se eles não souberem se afirmar, vão crescer crianças como, nesse mundo racista?

Mãe Lu – Preconceituoso.

Bárbara – Né?!

Eles têm que saber se afirmar! Então, é muito importante isso.

O meu filho sofreu agressão na escola porque ele foi iniciado aos seis anos e ele teve que ir de preceito pra escola. A gente usa colar, que chama ‘kelè’, os ‘contra-eguns’.

Então, quando Thalisson chegou na escola carequinha, todo de branquinho...

A gente avisou pra escola, comunicou que ia acontecer.

E alguns alunos chegaram:

“Macumbeiro!”

Soltando graça:

“Mas, ó! o macumbeirozinho! Preto! Macumbeiro! Neguinho cabelo ruim!”.

E com essas figuras de linguagem bem pejorativas, chegou um momento que ele revidou! Ele começou a xingar também o menino, porque ele era uma criança de seis anos, ele não estava mais aguentando aquilo.

E aí, ele foi agredido. O menino chutou ele. Meteu a cabeça dele na parede.

E eu tive que processar a escola. Estamos ainda em processo judicial.

E teve tudo isso. Mas ele sofreu agressão por causa dessa questão de preconceito, de não aceitarem. E aí, o mais interessante, depois disso tudo, que ele sofreu preconceito, apareceu um projeto que se chama “Um Olhar que Vem de Dentro”, que é feito pelo cineasta Pedro Sotero. Pedro disse que estava querendo uma criança que fosse de movimento tradicional para fazer um documentário, e ele gravou.

Oswaldo – Agora, me fale um pouquinho da amizade entre vocês e o professor José Jorge.

Mãe Lu - O professor Jorge, quando a gente se conheceu, já faz quatro décadas, né, que a gente conhece o professor Jorge.

Ele ainda era estudante. Éramos jovens. Ele não tinha filhos.

Meu pai tomava conta do Sítio de Pai Adão nessa época, era o regente, lá do Sítio.

Aí, então, ele foi se apresentar mais a ex-esposa dele, que se chama Rita Segato.

Eles faziam pesquisa com Seu Manuel Papai, um primo nosso, que hoje tá gerenciando o Sítio. Mas depois que ele conheceu meu pai e me conheceu, aí ele perguntou para o meu pai:

Eu posso fazer pesquisa com o senhor?

Aí, meu pai disse pra ele assim:

“Pergunte primeiro pra minha filha! (risos).

Pergunte a ela, o que ela disser, eu aceito.”

O meu pai Malaquias. Aí, eu olhei pra ele assim, duas vezes, pai estava sentado dentro daquele janelão que tinha, antigo, ali.

Aí eu disse:

“Aceite, painho, aceite.”

Ele fez algumas cerimônias com meu pai, pra Ifá, pra Xangô, porque ele é de Xangô, né?!

Do Orixá Xangô. Oxum.

Fez muitas festas comigo e minha irmã, que já partiu também.

E ficamos naquela amizade. Ele viajou depois, em 80, pra Irlanda do Norte.

Foi fazer o doutorado dele. Terminar lá. Foi onde nasceu Ernesto, o filho dele, lá em Belfast. Mas nós nunca perdemos contato. Sempre a gente junto.

Quando eles viajam pra Recife, a gente está junto, entendeu?!

E tem um livro, “O Xangô de Recife”¹³, que ele publicou, que tem foto do meu pai nesse livro, meu pai, Malaquias.

Tem o Xangô de tia Das Dores na capa. Tem os Ogãs tocando. E tem um dos meus irmãos, o meu irmão mais velho tocando o Ilú na capa do livro. E a amizade continuou e vai continuar sempre!

Quando ele inaugurou o Instituto, aí, ele foi chamando vários Mestres. Já por fim, ele veio me convidar e a minha filha Bárbara, porque ele queria fechar o ano com os afros, né?! Que éramos nós. Onde foi a aula, passamos uma semana dando aula lá, onde eu coloquei todos os professores, estudantes, visitantes que vieram nos conhecer, a dançar o Xirê com a gente.

“Bote o chinelo aí no chão. Vamos todos pra roda. Vamos cantar!”

E dançamos, cantamos e todos adoraram.

Bárbara – E agora ele está fazendo as apresentações do Encontro de Saberes. Essa já é a quarta edição que a gente viaja com ele pra poder divulgar o Encontro de Saberes, porque foi tido como a melhor aula, em quatro anos de projeto, a nossa oficina foi a melhor aula do Encontro de Saberes. Numa votação que teve.

Oswaldo – Então, para finalizar, contem mais como foram as oficinas no Encontro na UnB. O que mais vocês fizeram por lá?

Mãe Lu – Colocamos os nomes dos Orixás e ao lado, as louvações, por exemplo, eu dizia:

“Bára wọn bèbè Bára muke Ògigi lọ!”

Eu invocava, ia chamando os nomes dos Exús:

*“Èṣù 'Yàngi Èṣù Akéṣan Èṣù Àlá àjì kìtì Èṣù Osà Èṣù Iná Èṣù Elegbará Èṣù Àlá ketu Èṣù
L'onà!”*

Aí o pessoal dizia:

“Bará óò!”

Os estudantes, né?!

Aí, eu vinha pra Ogum:

“Ògún Àkórò Ògún Òní irẹ Ògún djá Ògún Bí omon Ògún T'ayọ Ògún Méje!”

E ao lado escrevia:

¹³ CARVALHO, 1993.

“Ògún ye!”¹⁴

Bárbara – Como a gente faz o Xirê normal, né!?

Mãe Lu – Como um Xirê normal.

E eles todos gritavam! E eles todos gritavam. E foi de Orixá a Orixá!

Bárbara – A dança também, né?!

Mãe Lu – A dança também.

Bárbara – A gente ensinou como se dança pra cada Orixá.

Mãe Lu – A gente ensinou como se dançava pra cada Orixá.

Bárbara – De Exu a Orixalá.

Mãe Lu – Aí, botei, fiquei no meio.

Depois botei ela no meio. E ficou dançando eu e ela (risos).

Bárbara – E as vestimentas, né?!

A gente levou manequins.

Mãe Lu – Eu me vesti de Axó¹⁵.

Bárbara – A gente levou manequins também. Vestiu os manequins.

Mãe Lu – Botamos a roupa de Iemanjá. E em outro botamos os trajes de Oxalá.

Bárbara – As guias, né!?

Mãe Lu – As guias e tudo mais. Mas foi... uma coisa que eles adoraram!

Eles adoraram.

E no final nós fizemos o Xirê¹⁶.

Convidei a todos pra vir pra o salão. Lá, eles têm de fazer lanche, essas coisas assim.

Bárbara – É. Mainha fez aniversário até no dia, né?!

Mãe Lu – É bem... é grande. Eu fiz aniversário nesse dia lá.

Bárbara – Aí, eles fizeram uma surpresa. Fizeram o aniversário dela.

Mãe Lu – Adorei.

Bárbara – Aí, teve bolo, teve festa, né?!

Mãe Lu – Lá em Brasília, aí eles perguntam pra Jorge: *Quando é que Mãe Lu vem de novo?* (risos)

Bárbara – É uma forma também de politizar, né?!

Quebrar o eurocentrismo, né?

¹⁴ A grafia em lorubá foi orientada por Thalisson Luiz da Costa, de 11 anos, filho de Bárbara, neto de Mãe Lu, um jovem estudioso da língua dos Orixás.

¹⁵ Trajes ritualísticos do Candomblé

¹⁶ Dança para invocação dos Orixás

Ele levou também um pessoal lá do Xingu. Nossa!

Eles ensinaram a fazer, não a oca normal, mas fizeram maquete de oca.

Mãe Lu – Ai, que linda!

Bárbara – As maquetes que os alunos fizeram, que eles ensinaram. São a coisa mais linda do mundo.

Então, teve várias experiências do ‘Encontro de Saberes’ que, quando você entra lá e vê, você vislumbra que...

Mãe Lu – É maravilhoso.

Bárbara – ...nem todas Universidades têm isso. Quer dizer, na Universidade que eu me formei não tinha isso.

Aí, você fica:

“Poxa! Que pesquisa!”

O que os alunos estão perdendo de aprender.

Então, eu vejo o ‘Encontro de Saberes’ como um projeto que poderia estar em todas Universidades. Lá em Recife, a gente tá tentando implantar na Joaquim Nabuco, junto com tio Jorge, já fizemos uma apresentação lá.

Como fizemos também essa apresentação aqui, né?! Na UFPB, pra poder fortalecer!

AGRADECIMENTOS:

Ao Terreiro que nos recebeu para a entrevista, Ilê Asé Oyá Gigan e a Mãe Zetinha.

Também agradecemos a orientação a respeito da grafia em Iorubá das invocações dos Orixás feitas por Thalisson Luiz da Costa Nascimento Leandro.

Referências bibliográficas:

CARVALHO, José Jorge de. **Cantos Sagrados do Xangô de Recife**. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 1993.

CARVALHO, José Jorge de e VIANA, Letícia C.R. O Encontro de Saberes nas universidades. Uma síntese dos dez primeiros anos. **Revista Mundaú**, no. 09, p. 23-49. Disponível em: <https://doi.org/10.28998/rm.2020.n.9.11128>. Acessado em 05/04/2023.

LARANJEIRA, Carolina Dias; GIOVANNINI JUNIOR, Oswaldo; VICENTE, Valéria. Encontro de Saberes na UFPB: entrevista com o professor José Jorge de Carvalho. **Revista Mundaú**, no 09, v. 2, p. 190-198. Disponível em: <https://doi.org/10.28998/rm.2021.n.especial.13120>.

NETO, Edgard Barbosa; ROSE, Isabel Santana de; GOLDMAN, Márcio – Encontros com o Encontro de Saberes. **Revista Mundaú**, no. 09, p. 12-22. Disponível em: <https://doi.org/10.28998/rm.2020.n.9.12402>. Acessado em 05/04/2023.

